

MATRIOSKA

Andressa Cerqueira Casado¹

Sobre o trabalho:

Em 2013 me percebi diante do último ano da faculdade, com isso o trabalho de conclusão de curso. Desde 2009, eu tinha juntado muitos contos pequenos dos quais eu tinha muito apego, e achei que era a oportunidade de utilizá-los de uma forma mais prática. Porém, o curso no qual eu me formaria era o Bacharelado de Fotografia do Senac, então eu precisaria, de alguma forma, incorporar uma leitura imagética como complementação para aqueles textos. Por outro lado, eu não queria que as fotografias acabassem como meras ilustrações aos contos, e a partir deste incomodo que a execução e a pesquisa do trabalho surgiram.

Para a parte prática a solução que encontrei foi um caderno de devaneios, em que eu imprimi os contos e coleí todos com três páginas de distância uns dos outros. Nestas três páginas eu me permiti espaço para desenhar, escrever e colocar tudo que eu refletia a respeito de cada história. Depois do devaneio vinha a produção da imagem. As fotografias, unidas aos contos, renderam um livro chamado "Matrioska".

Na parte teórica as pesquisas começaram sobre devaneio, bastante estudado por Bachelard. Acontece que enquanto produzia os conjuntos texto-imagem, eu percebia que dificilmente a relação que eu propunha entre as duas era a mesma encontrada por aqueles que as liam. Por este motivo o trabalho teórico valorizou tanto o conceito de obra aberta, de Umberto Eco, e depois se estendeu para a relação entre narrativas, passando inclusive por artistas que utilizam a relação dos mesmos tipos narrativos escolhidos para Matrioska. Esta base teórica foi importante para eu

¹Bacharel em Fotografia pelo Centro Universitário Senac. Participou de duas exposições coletivas durante sua formação: "Cidade: gigante e intimista", nas estações de metrô República e Clínicas, em 2010; e "Latitudes", na biblioteca no Centro Universitário Senac Santo Amaro, em 2013. Também esteve na exposição coletiva "Sobre lugares e gestos", no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em 2014.

entender o que meu trabalho prático poderia provocar em quem o visse, e entender melhor minhas formas de expressão.

A menina do espelho

Chorara muito, chorou tanto que lhe surgiu a necessidade de ver o estrago que a tristeza estampou em seu rosto.

Ao olhar o espelho, ela se deparou com olhos vermelhos, nariz inchado e boca trêmula, e o importante foi que pela primeira vez percebeu aquela do reflexo como ela mesma, o que a tornava a pessoa que melhor poderia entender o que ela sentia.

Desabafou. Contou tudo e mais. Mais e tudo.

Para sua surpresa, ela do espelho respondeu. E respondeu de um jeito tão sincero e despretensioso que acabaram conversando por horas. Conversa que não resultou em solução, uma vez que o problema do princípio não aspirava por tal, mas fez a menina se sentir mais tranquila e aliviada.

Depois daquela vez as conversas entre o mundo real e o mundo refletido viraram uma boa rotina. Uma terapia gratuita e eficiente.

Tudo ficou ainda melhor quando descobriram que podiam trocar de lugar uma com a outra. No mundo refletido era tudo mais simples, o que muitas vezes causava certa dificuldade para a menina do mundo real querer voltar. Ela sempre voltava. Entendia que o tempo dentro do espelho não era solução, apenas uma folga onde podia aproveitar uma satisfação utópica.

A menina do espelho a substituía com prazer, a mudança de ares também não lhe era mal. Estava cansada já daquela vida inversa, onde só podia agir de acordo com o mundo de fora, sem autonomia ou opinião.

Foi assim – troca de lugar, volta pro lugar - até que chegou o dia que a menina do espelho resolveu com a menina do real que melhor seria se elas passassem o tempo todo juntas.

E a partir daí que a menina do real passou a não ter reflexo, apenas mais uma dela dentro dela.



Quê?

Hoje eu acordei meio diferente. Hoje eu acordei em outra dimensão. O céu era verde, o sol brilhava arroxeadado, era tudo inesperado, lindo, surreal.

Brindei ao mar com meu amigo, um abajur alto e magro, apagado de tristeza, chorando por não conseguir se acender. "Olá, olá", diziam os peixes que voavam na areia rosa purpurinada, se afogando logo em seguida. "Oh, não! Hoje não! Hoje é dia de salada!", gritavam com suas vozes esganiçadas, mas ninguém estava atento o bastante para ouvir.

Pobres mesmo eram as pobres focas, que, alérgicas a água, morriam de sede. Bom mesmo era ser leão, nadar o dia inteiro, esperando tudo se solucionar.

Olhei para os meus burros pés, que se mexiam excitados e confusos. Nunca gostei de como eles acham ter o direito de fazer o que bem entendem. Deveriam me respeitar mais. Achei que talvez fosse melhor que eu deixasse as coisas quietas e dormisse. Logo a lua surgiu cor de pêssego e em forma de caracol.

Gelado, mas não frio.

Desconfortável, mas acomodado.

Arredondado, mas quadrado.

Sonhando, mas acordada.

